

BOA VONTADE / GOOD WILL

Com a chegada das festas a recordar Aquele que veio em paz e amor acresce a época de boa vontade em contexto social e familiar, para logo desaparecer com a entrada do novo ano. De facto, o modo de estar descontínuo da boa vontade expressa-se em todos os nichos da convivência humana, e reverter a situação é uma completa utopia. Porém, há que salvaguardar que todos possuem boa vontade e estão constantemente a ser avaliados pela qualidade das suas acções e também pela própria consciência.

E porquê esta introdução tão imbuída do “espírito ocidental” num editorial do Boletim?

Os sócios da SPHM, oriundos de várias Universidades, estão neste momento a assistir à evolução dos currículos da sua licenciatura e à respectiva repercussão, social e no contacto com os novos profissionais. Actualmente, as faculdades estão envolvidas na implementação do Processo Bolonha, mas, em simultâneo, ainda participam na vivência da Estratégia de Lisboa. Resultam deste duplo objectivo dificuldades de comunicação entre os decisores dos vários níveis académicos.

Muito resumidamente, o processo Bolonha envolveu 45 países, autoridades nacionais, instituições e organismos estudantis na reforma do ensino superior. Na Estratégia de Lisboa participaram 25 países da União Europeia, com enfoque na investigação e inovação nas chamadas ciências “duras” e incidência nos objectivos gerais de natureza económica e social. No entanto, qualquer que seja o macroprograma em análise, para o por em prática não basta boa vontade; é necessário “seguir”, aproveitar, seleccionar e aprender com a experiência adquirida em outras latitudes. Há que criar motivação para a prática da *Cultura de Qualidade*, com metodologias que garantam a sua promoção, desenvolvimento, revisão e consequentes ajustes em estado dinâmico. Nesta dimensão, e apesar de ambos os macroprograma enfatizarem abordagens diferentes, poder-se-á contribuir, de modo positivo para minorar aquela dicotomia, baseados no conhecimento existente.

O Saber por vezes acarreta incómodos, principalmente quando se pretende atingir fins sem olhar aos meios. Mas, se a boa vontade se associar ao conhecimento do *saber fazer* e não ao “faz – de – conta” que culpa o “sistema” (como se este não fosse cada um de nós) estaremos mais preparados para viver a Cultura de Qualidade.

É esta uma necessidade premente das universidades, para assegurarem à opinião pública de que estão a desempenhar e cumprir a missão que lhes compete na Sociedade. Um bom precedente neste caminho foi o da Associação das Universidades Europeias (EUA) que, ao convencer 137 instituições a participarem no projecto “*The EUA Culture Project*”, possibilitou o fortalecimento da autonomia das instituições de ensino superior.

Todos os documentos da EUA mencionam a dificuldade em definir o que é *qualidade* sem contudo referirem alguma interrogação sobre o significado de *cultura*. Talvez porque a cultura esteja associada e assente em sistemas de referência e escalas de valores consolidados, em particular, desde que a cultura adquiriu projecção e valorização no século XVIII, em contraposição ao primitivismo vigente.

Ainda que a boa vontade, só por si, seja insuficiente para simbolizar qualidade, acompanhada da motivação para outros comportamentos – como o de ajudar a aprender, a despertar curiosidades, a formular perguntas,

NOTA DE ABERTURA / EDITORIAL

a apoiar a formulação de hipóteses geradoras de conhecimentos ou de aprendizagens de conhecimento – será factor determinante no desenvolvimento da cultura de qualidade nas universidades. Quando esse modo de estar for natural os seguidores de Goethe e de outros partidários de que “quem não sabe ensina” deixaram de ter expressão.

Será?

E com esta interrogação desejo a todos um Novo Ano de Bons Sucessos, pessoais e profissionais.

Carlota Saldanha
Presidente da SPHM